

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 15
Número 1
Junho 2026

O “SOBRENATURALISTA RADICAL”: A ETERNIDADE COMO ELEMENTO DA COSMOVISÃO DE C. S. LEWIS¹

*The “Radical Supernaturalist”: Eternity as an Element of C. S. Lewis’s
Worldview*

Me. Flaviano Nogueira Siedeliske²

RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa referente à maneira como o conceito de Eternidade está relacionado com a Cosmovisão de C. S. Lewis. Eternidade, neste trabalho, é entendida não apenas como uma marca temporal, mas como uma realidade invisível, superior e supersensível que tangencia o mundo material. Enquanto isso, Cosmovisão diz respeito à visão de mundo, interpretações e explicações quanto à realidade. A pergunta que este artigo pretende responder é: de que maneira a doutrina da Eternidade influencia na visão de mundo de C. S. Lewis? A hipótese defendida é que a Eternidade é um elemento central da Cosmovisão do autor, e, ao longo da pesquisa são apresentados argumentos que favorecem essa interpretação. Dentre os resultados, destaca-se: 1) Lewis apresenta-se como alguém profundamente impactado e influenciado pela Doutrina da Eternidade; 2) a Eternidade, para o autor, é mais real que a realidade e explica diversas questões do mundo visível; e 3) a visão de mundo do autor possui tal doutrina como um dos elementos principais.

Palavras Chave: C. S. Lewis. Eternidade. Cosmovisão. Literatura.

¹ Este trabalho é parte da pesquisa para a Dissertação de Mestrado “Mais real que a realidade: a Eternidade (Céu, Inferno e Purgatório) para C. S. Lewis antes de Nárnia”, financiado pela CAPES e defendido, em março de 2025, na Universidade Federal do Paraná. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/95427>.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (Bolsista CAPES) (2025). Especialista em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná - FABAPAR (2018). Graduado em Letras - Português e Inglês pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba - FARESC (2016). Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná - FABAPAR (2019-atual). E-mail: flavianosiedeliske@gmail.com.

ABSTRACT

The present article presents an investigation into the manner in which the concept of Eternity is related to C. S. Lewis's worldview. In this study, Eternity is understood not merely as a temporal marker, but as an invisible, superior, and supersensible reality that touches the material world. Meanwhile, "worldview" refers to one's perception of the world, as well as the interpretations and explanations concerning reality. The question this article seeks to answer is: in what way does the doctrine of Eternity influence C. S. Lewis's worldview? The hypothesis defended herein is that Eternity constitutes a central element of the author's worldview, and throughout the research, arguments supporting this interpretation are presented. Among the results, the following stand out: (1) Lewis presents himself as someone profoundly impacted and influenced by the Doctrine of Eternity; (2) for the author, Eternity is more real than material reality and elucidates various aspects of the visible world; and (3) the author's worldview incorporates this doctrine as one of its principal components.

Keywords: C. S. Lewis. Eternity. Worldview. Literature.

INTRODUÇÃO

Clive Staples Lewis (1898-1963) é o conhecido autor de *As Crônicas de Nárnia* (1950-1956). Todavia, sua relevância literária vai muito além dessa obra. Exemplo disso são ficções como *O regresso do peregrino* (1933), *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (1942) e *O grande divórcio* (1945), escritas após a conversão do autor e antes da publicação de *Nárnia*. Tais obras estão recheadas do pensamento teológico de Lewis em diversas áreas, em especial quanto à doutrina da Eternidade.

O regresso do peregrino é a história de João, um garoto que, ao receber uma lista de regras do Proprietário (Deus), teme o Buraco Negro (Inferno) e foge em direção a uma Ilha (Céu), que torna-se objeto principal de seu desejo. Em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, o leitor depara-se com diversas cartas de Maldanado, um demônio de alta patente do Inferno que escreve para Vermelindo, seu sobrinho, aconselhando-o na tentação de seu "paciente". Por fim, em *O grande divórcio*, as almas condenadas ao Inferno (os Fantasmas da Cidade Cinzenta) podem pegar um ônibus em direção ao Céu, onde conhecem os Espíritos (salvos) que ali habitam e podem decidir se voltam ao Inferno ou permanecem no Céu.

Uma vez que Lewis é chamado de "sobrenaturalista radical", preocupado com a Eternidade e suas implicações para a vida humana, este artigo busca analisar a dimensão mística de seus escritos e de seu pensamento teológico. Assim, a pergunta a ser respondida é: de que maneira a doutrina da Eternidade influencia na visão de mundo de C. S. Lewis? A hipótese defendida é que a Eternidade é um elemento central da Cosmovisão do autor, que o mesmo utiliza para explicar alguns fenômenos e guiar sua existência através deste mundo.

A partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a obra de C. S. Lewis entre os anos de 1929 e 1950, objetivou-se demonstrar que a Eternidade, para o autor, é mais real que o mundo material. E é graças a este entendimento que tal doutrina é tão relevante para a visão de mundo do mesmo. Assim, um dos objetivos específicos foi apresentar a visão de Lewis sobre a Eternidade. Outro objetivo foi analisar como essa visão aparece nas obras de ficção citadas anteriormente.

Dentre os resultados obtidos com essa pesquisa, destaca-se: 1) Lewis apresenta-se como alguém profundamente impactado e influenciado pela Doutrina da Eternidade; 2) a Eternidade, para o autor, é mais real que a realidade e explica diversas questões do mundo visível; e 3) a visão de mundo do autor possui tal doutrina como um dos elementos principais.

1. LEWIS, COSMOVISÃO E ETERNIDADE

1.1 DEFININDO “COSMOVISÃO”

O termo *Cosmovisão* não é próprio da teologia, mas pertence à área da filosofia. Provém originalmente do termo alemão *Weltanschauung*, “visão de mundo”, que foi utilizado pela primeira vez por Immanuel Kant em 1970.³ Não obstante, o mesmo tem sido muito utilizado por teólogos preocupados com a temática da visão de mundo cristã. Parte desses teólogos propõe algumas definições para este conceito.

Um dos estudiosos que mais se preocupou em trabalhar e definir o conceito de Cosmovisão foi Abraham Kuyper. Para Kuyper, este conceito pode ser definido como um “sistema de vida” ou uma “concepção de vida e mundo”.⁴ Ou seja, para o autor, a Cosmovisão de um indivíduo é aquilo que confere sentido para os fenômenos que ocorrem em sua vida. Seguindo essa linha de pensamento, Paul Hiebert afirma que as diferentes cosmovisões “fornecem justificativa racional para as crenças nesses sistemas” de explicações sobre a vida.⁵

Michael Goheen e Craig Bartholomew, por sua vez, destacam também o aspecto coletivo das cosmovisões. Segundo os autores, existem crenças básicas que provém de narrativas compartilhadas, e a Cosmovisão deve dar forma e sentido para essas crenças a nível individual e coletivo.⁶ Essas crenças devem responder, segundo Timothy Keller, questões como: 1) como o mundo deveria ser?; 2) o que o desequilibrou?; e 3) como restaurá-lo?.⁷

O teólogo brasileiro Heber Carlos de Campos Júnior também apresenta uma definição sobre o tema. Para ele, uma Cosmovisão “é o conjunto de pressupostos e premissas de vida que carregamos em nosso mais íntimo”.⁸ O autor ainda se aprofunda na definição ao afirmar que esses pressupostos e premissas norteiam a leitura, ações e reações a respeito da realidade, moldados por fatores externos apropriados e interiorizados pelo indivíduo.⁹

Por fim, Kenneth Samples apresenta uma ilustração que auxilia o leitor no entendimento do conceito de Cosmovisão. Segundo o autor, “uma cosmovisão funciona como um par de óculos através do qual se dá sentido à vida e se compreende o mundo ao seu redor”.¹⁰ Logo, a partir das definições acima, define-se Cosmovisão como a maneira que um indivíduo enxerga, interpreta, confere sentido e se move no mundo e na realidade que o cerca.

Dessa maneira, quando se afirma que o conceito de Eternidade é um elemento central na Cosmovisão de C. S. Lewis, significa que tal conceito é central na interpretação que o autor possui da realidade. Nesse sentido, para Lewis, elementos e acontecimentos do mundo material podem ser explicados à luz da existência da Eternidade. Entendido isso, cabe agora oferecer uma definição do conceito de Eternidade.

1.2 DEFININDO “ETERNIDADE”

Para definir Eternidade, dois autores serão utilizados: A. R. Buckland e George MacDonald. Buckland analisa o significado do termo tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, e destaca os escritos joaninos. Segundo o autor, no Antigo Testamento, o termo “eterno” diz respeito ao atributo inerente do

³ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 35.

⁴ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 19.

⁵ HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo, Vida Nova, 2016, p. 35.

⁶ GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 52.

⁷ KELLER, Timothy. **Como integrar fé e trabalho**: nossa profissão a serviço de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 149.

⁸ CAMPOS JUNIOR, Heber Carlos de. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019. E-book Kindle.

⁹ CAMPOS JUNIOR, 2019.

¹⁰ SAMPLES, Kenneth Richard. “Cosmovisão”. In: COPAN, Paul. et al. **Dicionário de cristianismo e ciência**: obra de referência definitiva para a interseção entre fé cristã e ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. E-book Kindle.

próprio Deus (Is 9.6; 57.13) e de Sua maneira de se relacionar com os homens (Sl 106.1).¹¹ Enquanto isso, no Novo Testamento, o termo “vida eterna” ocorre com grande frequência, como em Mt 19.16-29; 25.46; Lc 10.25 e Jd 1.21.¹² Todavia, o destaque está nos escritos joaninos, em que “vida eterna” aparece 23 vezes, como em Jo 3.36; 5.24; 6.47, 54, 68; 17.3; 1Jo 5.11, 13.

Nos escritos joaninos, em especial, o conceito de “vida eterna” possui um significado que vai além da marca temporal, ou seja, significa mais que somente uma existência sem fim. Segundo Buckland, o termo “refere-se não à *duração*, mas à *qualidade* de vida, a uma vida realmente possuída por aquele que crê em Jesus Cristo”.¹³ Esta interpretação evidencia o contraste entre “este mundo” e o “mundo por vir”, que seria “o reino messiânico, o mundo invisível, no qual tudo que é terreno e transitório desaparece, permanecendo só e eternamente as realidades espirituais”.¹⁴ Logo, a vida eterna é aquela que pertence à realidade invisível e supersensível que está acima do mundo material: a Eternidade.¹⁵

George MacDonald, por sua vez, também apresenta uma definição de Eternidade que vai além da questão temporal. Segundo ele, é ignorância acreditar que a “vida eterna” é um prolongamento da vida neste mundo, mas trata-se de “absolute oneness with God and all divine modes of being”.¹⁶ Desta maneira, trata-se não de uma vida de duração infinita, mas de uma vida marcada pela característica da união com Deus e desejo de fazer Sua vontade. Assim, a Eternidade é definida, neste trabalho, como uma outra realidade: uma realidade superior que tangencia, através da experiência religiosa, o mundo material e visível.

Então, ao afirmar que a Eternidade é um elemento central na Cosmovisão de C. S. Lewis, afirma-se que, na visão de mundo do autor, existe uma realidade superior, invisível e supersensível que influencia e, muitas vezes interfere na realidade material e visível. Além disso, essa interferência confere significado para alguns fenômenos que ocorrem neste mundo. Este assunto será aprofundado a seguir, com uma breve introdução ao pensamento sobrenatural, ou místico, de Lewis, a partir de estudos e relatos de pessoas próximas ao autor.

1.3 C. S. LEWIS: “SOBRENATURALISTA RADICAL”

C. S. Lewis foi descrente durante grande parte de sua vida, todavia, apesar de seu ateísmo, a Eternidade era questão presente em seus pensamentos. Em primeiro lugar, nas conversas com seu amigo Arthur Greeves, afirmava não sentir necessidade de acreditar em questões como vida após a morte ou sofrimento de torturas eternas.¹⁷ Entretanto, em seu diário pessoal, expressa o desejo de que “a vida e a morte não sejam as únicas alternativas” e que exista uma “via média”.¹⁸ Enquanto isso, nos primeiros anos de sua conversão, em sua autobiografia descreve que não possuía tamanha preocupação com a Eternidade e que ela não fazia parte da centralidade de sua religião.¹⁹ Todavia, essa afirmação pode ser contestada a partir de relatos de um grande amigo seu, que esteve com ele por grande parte de sua vida: Walter Hooper.

¹¹ BUCKLAND, A. R. **Dicionário Bíblico Universal**. Tradução de Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Vida, 1981, p. 149.

¹² BUCKLAND, 1981, p. 149.

¹³ BUCKLAND, 1981, p. 149, grifo do autor.

¹⁴ BUCKLAND, 1981, p. 149.

¹⁵ Ver: Mt 25.41,46; Mc 3.29; Lc 16.9; 2Co 4.17-18; 5.1; 2Ts 1.9; 2.16; 1Tm 6.16; 2Tm 2.10; 1Pe 5.10; 2Pe 1.11; Jd 1.7; Ap 14.6. Inclusive, esta interpretação da Eternidade como “outra realidade” (local) e não como “tempo infinito” (temporal) encontra respaldo na Doutrina da Antecipação. Segundo M. H. Cressey, na antítese “agora” e “então” que o Novo Testamento estabelece, é possível verificar características dessa realidade invisível e supersensível naquilo que o Novo Testamento chama de “este mundo” (CRESSEY, M. H. “Tempo”. In: DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 3.ed. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1311). Ou seja, há situações em que a Eternidade (mundo por vir) adentra no Mundo Material (este mundo), como uma nova realidade que irrompe para dentro da realidade conhecida.

¹⁶ MACDONALD, George. “Unspoken Sermons, Second Series”. In: MACDONALD, George. **Complete Works of George MacDonald**. Hastings, East Sussex: Delphi Publishing Ltd, 2015, n.p. (Delphi Classics). E-book Kindle. Tradução: “[...] unidade absoluta com Deus e com todos os modos divinos de ser”.

¹⁷ DOWNING, David. **C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p. 65.

¹⁸ LEWIS, C. S. **Todo meu caminho diante de mim**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020b, p. 38.

¹⁹ LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021d, p. 256.

Hooper define Lewis como um “sobrenaturalista radical”: um homem atormentado por questões envolvendo a Ressurreição, a segunda vinda de Jesus, o Juízo Final, o Céu e o Inferno.²⁰ Segundo ele, uma preocupação real de C. S. Lewis era a doutrina do Inferno, visto que a mesma possui apoio das Escrituras, apesar do tamanho da misericórdia de Deus.²¹ Certa vez, ao afirmar que o calor do dia estava “infernai”, Hooper relata que foi repreendido por Lewis e instruído a não falar coisas do tipo, visto que jamais saberia a intensidade do calor do inferno.²² Em outra situação, ao encontrar um epitáfio que dizia: “Aqui jaz um ateu, vestido com elegância, mas sem ter para onde ir”; Lewis comentou: “Aposto que ele queria que fosse assim”.²³ Esses relatos de Hooper demonstram que Lewis tratava a Eternidade e, em especial, o Inferno, como um tema de grande seriedade, como “o possível destino de alguns de nós”.²⁴

Esse “sobrenaturalismo radical” de C. S. Lewis é posteriormente estudado por Marcio Simão de Vasconcellos, que o chama de “dimensão mística” do autor e defende que ela permeia toda sua obra e é pouco explorada pela crítica.²⁵ Vasconcellos dialoga com Juan Martin Velasco e Schillebeeckx para estabelecer que o místico é aquele que compreende que a realidade vai muito além “deste mundo”; não obstante, também sabe que a realidade invisível e supersensível é mais real que qualquer objeto que pode ser considerado “real”.²⁶ Logo, com base nos estudos de Vasconcellos e de seus diálogos com Velasco e Schillebeeckx, é possível concordar com a visão que define Lewis como místico, uma vez que o mesmo considera a Eternidade como superior à este mundo visível e material. Será demonstrado, abaixo, como a doutrina da Eternidade aparece em alguns dos escritos de Lewis e como eles corroboram com sua imagem de “sobrenaturalista radical”.

1.4 O “SOBRENATURALISMO RADICAL” PRESENTE EM ALGUNS ESCRITOS DE LEWIS

Nos anos entre sua conversão e a publicação de *As Crônicas de Nárnia*, ou seja, entre 1929 e 1950, C. S. Lewis ocupou-se diversas vezes da temática da Eternidade. Em 1939, por exemplo, no sermão que recebeu dois nomes diferentes: *None other Gods: culture in war-time* e *The christian in danger* (Aprendizado em tempos de guerra), ele defende que Céu e Inferno são doutrinas que devem ser tratadas constantemente nos púlpitos aos domingos, visto que a presença de cristãos que não acreditam em tais doutrinas “não passa de uma grande farsa”.²⁷ O autor defende que o motivo para isso é que trata-se de um ensinamento do próprio Cristo.

Anos mais tarde, em 1941, ele volta a tratar do tema em seu sermão *The weight of glory* (O peso da glória). Lewis aborda o desejo do ser humano pela Eternidade e quais as consequências disso, concluindo que o ser humano é uma criatura medíocre que, enquanto brinca com “bebida, sexo e ambição”, se contentando “com muito pouco”, a alegria infinita e eterna lhe é oferecida por Deus.²⁸ Lewis parece ecoar o pensamento do místico alemão Tomás de Kempis, que, em *Imitação de Cristo*, elabora que o homem não deve perder tempo com as coisas deste mundo, mas gastar suas energias buscando as coisas eternas do Reino de Deus.²⁹

²⁰ HOOPER, Walter. “Prefácio”. In: LEWIS, C. S. **Reflexões cristãs**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 9.

²¹ HOOPER, 2019, p. 12.

²² HOOPER, 2019, p. 13.

²³ HOOPER, 2019, p. 15.

²⁴ HOOPER, 2019, p. 13.

²⁵ VASCONCELLOS, Marcio Simão de. Mística em C. S. Lewis: experiência e literatura. **Atualidade Teológica** (PUCRJ), v. 42, p. 615-631, 2012, p. 616.

²⁶ VASCONCELLOS, Marcio Simão de. Mística e literatura fantástica: uma abordagem das obras de C. S. Lewis. **Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias**, v. 9, p. 189-211, 2014, p. 193.

²⁷ LEWIS, C. S. “Aprendizado em tempos de guerra”. In: LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017a, p. 53.

²⁸ LEWIS, C. S. “O peso da glória”. In: LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017e, p. 32.

²⁹ KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1979, p. 13.

Lewis escreve, em 1946, *Man or rabbit?* (Homem ou coelho?) para combater o pensamento materialista da época. Tal pensamento confere mais valor aos conceitos de sociedade e civilização que ao indivíduo, visto que os dois primeiros possuem longevidade muito maior. Entretanto, Lewis discorda desse pensamento ao afirmar que, seguindo o padrão da longevidade, o indivíduo é mais importante, pois ele viverá eternamente.³⁰ Logo, para Lewis, a Eternidade confere uma dignidade intrínseca para o ser humano.

No mesmo ano, Lewis escreve *A christian reply to professor Price* (Religião sem dogma?), em que defende que a religião é o desejo humano por uma realidade superior a este mundo. Segundo ele, o cristianismo é “a sede de um fim superior aos fins naturais”³¹: o desejo por um mundo infinito e eterno. Então, a sede do homem pelo infinito é o que proporciona a experiência religiosa cristã.

Na obra *Miracles* (Milagres) (1947), há dois momentos importantes em que Lewis trata da Eternidade. Primeiro, quando afirma que o “fogo do Inferno” é real e concreto, e não apenas uma metáfora qualquer.³² Em segundo lugar, quando contrapõe a ideia de Deus como alma ou parte da natureza, afirmando que “Ele habita a eternidade; ele habita no lugar alto e santo: o céu é seu trono, não seu veículo, e a terra é o escabelo de seus pés, não sua vestimenta”³³. Logo, é possível notar como Lewis assume tanto o Inferno como a morada de Deus na Eternidade como verdade concreta, não apenas como metáforas ou símbolos.

No texto *Historicism* (Historicismo), de 1949, Lewis apresenta outro importante ponto do seu pensamento sobre a Eternidade: ela é responsável por conferir sentido para o tempo e a história. Segundo ele, pressupondo a existência de Deus, um ser onipotente, onipresente, sábio, justo e misericordioso, é possível encontrar, na história humana, elementos que demonstram que ela é “escrita pelo dedo de Deus”, possuindo começo, meio, fim e propósito.³⁴

Finalmente, a Eternidade também está presente em *Mere Christianity* (Cristianismo puro e simples), publicado em 1952, mas compilado a partir de palestras de Lewis na rádio dos anos 1940. Em tal obra, o autor admite que, para o Cristianismo: 1) o homem viverá por toda a Eternidade;³⁵ e 2) existe um mundo espiritual além do material.³⁶ Logo, Lewis defende que, ao crer no Cristianismo, é necessário crer na Eternidade.

Além dos escritos teológicos, a temática da Eternidade está presente no diário e na correspondência pessoal de C. S. Lewis. Em seu diário, escrito antes da conversão do mesmo, há um registro referente a uma conversa com seu amigo Arthur Greeves, no mês de julho de 1923, em que Lewis escreve que Arthur “está confiante de que todos nós devemos ser imortais em qualquer caso”; não apenas isso, mas o mesmo aparentava “acreditar no Céu, mas não no Inferno”.³⁷ Já em correspondência para seu irmão, Warren, em 25 de dezembro de 1931, defende que a igreja primitiva acreditava que a segunda vinda de Cristo aconteceria naquela época, por isso, não pensava num projeto de longo prazo.³⁸ Por fim, em duas cartas para a Sra. Vera Gebbert a temática também aparece: 1) em 5 de agosto de 1960, Lewis admite crer na ressurreição dos mortos, apesar de não saber sobre o estado em que estarão até acontecer;³⁹ e, 2) em 16 de outubro do mesmo ano, afirma que a Bíblia não dá descrições da Eternidade, mas apresenta apenas parábolas e alegorias.⁴⁰

³⁰ LEWIS, C. S. “Homem ou coelho?”. In: LEWIS, C. S. **Deus no banco dos réus**. Tradução de Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018a, p. 138.

³¹ LEWIS, C. S. “Religião sem dogma?”. In: LEWIS, C. S. **Deus no banco dos réus**. Tradução de Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018b, p. 165.

³² LEWIS, C. S. **Milagres**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b, p. 115.

³³ LEWIS, 2021b, p. 139. Ver: Is 57.15; 63.15; 66.1.

³⁴ LEWIS, C. S. “Historicismo”. In: LEWIS, C. S. **Reflexões cristãs**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 178-179.

³⁵ LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Gregersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017c, p. 111.

³⁶ LEWIS, 2017c, p. 207.

³⁷ LEWIS, 2020b, p. 338.

³⁸ LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Tradução de Gabriele Gregersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a, p. 356.

³⁹ LEWIS, 2021a, p. 593.

⁴⁰ LEWIS, 2021a, p. 597.

Diante do exposto, é possível concordar com John Piper quando afirma que Lewis baseava sua visão de mundo romântica na crença “de sempre existir algo mais que o mundo criado – algo diferente, alguma coisa além do mundo natural”.⁴¹ Tais ideias aparecem, também, na ficção de Lewis. A seguir, serão analisados três livros de C. S. Lewis, escritos, também, no período anterior *As Crônicas de Nárnia*. Primeiro no que diz respeito à maneira que o autor representa a influência da Eternidade sobre a vida humana. Em segundo lugar, a respeito da ideia de Lewis que a Eternidade é mais real que a realidade do mundo material. Através destes exemplos, será demonstrado como o autor transmite sua Cosmovisão para as obras literárias, que, por sua vez, possui como um dos elementos centrais a noção de Eternidade.

2. A INFLUÊNCIA E A SOLIDEZ DA ETERNIDADE NA LITERATURA DE LEWIS

2.1 O INFERNO E SUA INFLUÊNCIA NA FICÇÃO DE LEWIS

Em *O regresso do Peregrino*, o Inferno é representado por meio um Buraco Negro, em que são lançados aqueles que não cumprem com as regras do Proprietário.⁴² Durante toda a obra, é possível notar como este elemento interfere tanto na vida de João, a personagem principal, quanto de outras personagens do livro. A ideia de ser atirado no Buraco Negro, sofrendo uma condenação eterna, incomoda João desde o início: “Agora os dias e semanas continuavam a passar e sonhei que João não tinha sossego, nem de dia, nem de noite, porque ficava pensando nas regras e no buraco negro cheio de serpentes”.⁴³ João também se preocupa com o destino de seu tio Jorge, e acaba por sofrer com crises relacionadas ao medo do Buraco Negro e do próprio Proprietário.⁴⁴ Por fim, o leitor é apresentado à personagem do Sr. Epicuro, um “doente mental; tinha um medo crônico do buraco negro”.⁴⁵

Também fica evidente essa interferência do Inferno na vida das personagens quando João é convencido que tanto o Proprietário quanto o Buraco Negro não existem. O Protagonista apresenta um comportamento muito diferente do que estava apresentando até então:

Ele parou ali, não porque estivesse cansado, mas porque estava muito feliz por ser capaz de movimentar-se tão levemente. ‘Não há nenhum Proprietário’, ele gritava. ‘Tamanho peso havia sido retirado de sua mente que ele sentia como se pudesse voar [...]’. ‘Não há nenhum Proprietário. Não há nenhum buraco negro’.⁴⁶

Finalmente, é possível observar como a existência do Inferno molda a relação de João com o Proprietário. Inicialmente, João coloca-se abaixo do domínio do Proprietário graças ao medo que sente do Buraco Negro,⁴⁷ até ser convencido pela personagem Razão que seu medo não é do Buraco Negro, mas do Proprietário, que é quem pode o mandar para lá.⁴⁸ Outra personagens, o Sr. Sabedoria, afirma que, caso não se concorde com o Proprietário, o único motivo para obedecê-lo é o medo da punição e esperança de recompensa.⁴⁹ A respeito da fala de Sr. Sabedoria, anos mais tarde Lewis apresenta a seguinte ideia em *O problema da dor*:

Não é elogioso a Deus que o escolhamos como alternativa ao Inferno: mesmo assim, ele aceita. A ilusão da autossuficiência da criatura deve, pelo bem da criatura, ser destruída; e por meio de problemas ou de medo de problemas na terra, pelo medo grosseiro das chamas

⁴¹ PIPER, John. “C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério”. In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). *O racionalista romântico*. Tradução de David Portela. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 30.

⁴² LEWIS, C. S. *O regresso do Peregrino*. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022a, p. 34.

⁴³ LEWIS, 2022a, p. 36.

⁴⁴ LEWIS, 2022a, p. 42, 49.

⁴⁵ LEWIS, 2022a, p. 148.

⁴⁶ LEWIS, 2022a, p. 59.

⁴⁷ LEWIS, 2022a, p. 61.

⁴⁸ LEWIS, 2022a, p. 118.

⁴⁹ LEWIS, 2022a, p. 207.

eternas, Deus a despedaça "sem se importar com a diminuição da própria glória."⁵⁰

Nota-se, então, que a interferência do Inferno na vida das personagens de *O regresso do peregrino* está relacionada com o medo da condenação e, consequentemente, da figura do Proprietário. Além disso, é possível encontrar, na obra, referências à maneira como esse medo muda a maneira das personagens enxergarem e interpretarem o mundo.

Com relação à outra obra de Lewis, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, a influência do Inferno é muito mais direta na vida das personagens. Nessa obra, os demônios atuam por meio da manipulação das circunstâncias da vida de seus "pacientes", fazendo-os concentrar-se em coisas maléficas e deixando de fora coisas boas.⁵¹ A atuação do Inferno é, segundo Maldonado, como uma estrada "sem curvas acentuadas, sem marcos e sem postes indicadores".⁵² Assim, é possível listar as diferentes áreas de atuação dos demônios ao longo da obra:

1. Igreja: "Quando ele se assenta no banco da igreja e olha em redor, vê precisamente aquela turma de vizinhos que havia evitado até então. Você deve investir pesado nesses vizinhos";⁵³ "Certamente você deve saber que, se uma pessoa não pode ser curada da frequência à Igreja, o próximo passo é fazê-la percorrer toda a vizinhança à procura de uma igreja que mais lhe 'agrada', até que ele se torne um degustador ou especialista em igrejas".⁵⁴
2. Família: "Fiquei muito satisfeito com o que você me contou sobre o relacionamento desse homem com a mãe. Mas você deve tirar vantagem disso".⁵⁵
3. Oração: "As sugestões amadorísticas da sua última carta me alertaram para o fato de que está mais do que na hora de eu escrever para instruí-lo sobre o doloroso tema da oração".⁵⁶
4. Sentimentos: "Não há nada mais eficaz que o suspense e a ansiedade para bloquear a mente contra o Inimigo";⁵⁷ "Um período de tentação sexual é uma excelente hora para preparar um ataque secundário à irritabilidade do seu paciente";⁵⁸ "Aliás, qualquer sentimento de posse deve ser sempre encorajado. Os seres humanos sempre estão levantando reivindicações de propriedade que soam igualmente engraçadas tanto no Céu como no Inferno, e temos que garantir que mantenham essa atitude".⁵⁹
5. Posicionamento sobre a guerra: "Não esqueci da promessa que fiz de avaliar se devemos tornar o paciente um extremo patriota ou um extremo pacifista. Todos os extremos, exceto a devoção extrema ao Inimigo, devem ser encorajados".⁶⁰
6. Sexualidade: "Em primeiro lugar, sempre pensei que os períodos de baixa da instabilidade humana oferecem excelentes oportunidades para todas as tentações sensuais, particularmente aquelas relativas ao sexo".⁶¹
7. Amizade: "São maravilhosas as notícias trazidas por Viltrapaça, que o seu paciente fez amizades novas e muito desejáveis, e que você parece ter se aproveitado desse acontecimento de maneira

⁵⁰ LEWIS, C. S. *O problema da dor*. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c, p. 127.

⁵¹ ROCHA, E. A. S. *The Screwtape Letters de C. S. Lewis no Brasil (1964-2014)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2018, p. 41; LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017b, p. 32.

⁵² LEWIS, 2017b, p. 73.

⁵³ LEWIS, 2017b, p. 21.

⁵⁴ LEWIS, 2017b, p. 89.

⁵⁵ LEWIS, 2017b, p. 26.

⁵⁶ LEWIS, 2017b, p. 31.

⁵⁷ LEWIS, 2017b, p. 41.

⁵⁸ LEWIS, 2017b, p. 114.

⁵⁹ LEWIS, 2017b, p. 116.

⁶⁰ LEWIS, 2017b, p. 47.

⁶¹ LEWIS, 2017b, p. 56.

realmente promissora”.⁶²

8. Prazeres: “E agora vamos as suas mancadas. Na sua própria aparição, para começo de conversa, você permitiu ao seu paciente ler um livro que ele realmente apreciava, não para fazer observações inteligentes sobre ele aos seus novos amigos, mas por puro prazer. Em segundo lugar, você lhe permitiu andar até o velho moinho e tomar um chá ali – uma caminhada pelo campo, coisa que ele realmente gosta, e isso, a sós. Em outras palavras, você permitiu que ele tivesse dois prazeres realmente positivos. Será que você foi tão ignorante a ponto de não ver o perigo disso?”;⁶³ “Você deve sempre tentar fazer o paciente abandonar as pessoas, a comida ou os livros de que ele realmente gosta em favor das ‘melhores’ pessoas, da comida ‘certa’, dos livros ‘importantes’”⁶⁴.
9. Orgulho: “Pegue-o no momento em que ele estiver bem pobre de espírito e sugira de modo sutil – e convincente – a seguinte reflexão gratificante: ‘Por Deus! Como estou sendo humilde!’ e quase imediatamente o orgulho – o orgulho de sua própria humildade – irá aparecer”.⁶⁵
10. Teologia: “A mais pura diversão está em causar o ódio entre aqueles que *dizem* ‘eucaristia’ e aqueles que preferem *dizer* ‘santa ceia’ [...]”;⁶⁶ “Devemos usar essa ideia para encorajar novamente o conceito de um ‘Jesus Histórico’, que só será encontrado depois de expurgarmos os ‘acréscimos e as perversões’ posteriores, para depois ser contrastado com toda a tradição cristã. Na geração passada, promovemos a construção de um tal ‘Jesus Histórico’ em linhas humanitárias e liberais; agora, estamos estimulando um novo ‘Jesus Histórico’ em termos marxistas, catastróficos e revolucionários”.⁶⁷
11. Desacreditar de alguns pecados: “A forma desdenhosa com a qual você falou, na sua última carta, da gula como meio para capturar almas só demonstra sua completa ignorância. Um dos grandes feitos dos últimos cem anos foi mortificar a consciência humana quando a isso, de modo que agora você dificilmente vai encontrar [...] um único sermão ou uma consciência atormentada com esse assunto”.⁶⁸
12. Espiritualidade: “[...] destruir a vida devocional, substituindo a presença real do Inimigo, que pode ser experimentada pelos homens de oração e no sacramento, por uma figura meramente imaginativa, remota, sombria e boçal, de uma pessoa que frou uma língua estranha e morreu há muito tempo”;⁶⁹ “O que desejamos, se os seres humanos tiverem que se tornar cristãos, é mantê-los no estado mental que eu chamei de ‘cristianismo e...’ Você me entendeu – cristianismo e a crise, cristianismo e a nova psicologia, cristianismo e a nova ordem mundial [...]. Substitua a própria fé por alguma moda com colorido cristão”.⁷⁰
13. Relacionamentos amorosos: “Sim, o namoro é a época certa para plantar aquelas sementes que, dez anos mais tarde, irão se transformar em ódio doméstico”.⁷¹

A partir do exposto acima, é possível notar como, em ambas as obras, C. S. Lewis utiliza-se a ideia de Eternidade para moldar o comportamento e desenvolvimento das suas personagens. Ele se utiliza da literatura para a transmissão de seu pensamento teológico, ao mesmo tempo em que enriquece sua narrativa com elementos ligados à sua visão de mundo. Mas não é apenas o Inferno que interfere no enredo de sua

⁶² LEWIS, 2017b, p. 61.

⁶³ LEWIS, 2017b, p. 75.

⁶⁴ LEWIS, 2017b, p. 77-78.

⁶⁵ LEWIS, 2017b, p. 79-80.

⁶⁶ LEWIS, 2017b, p. 92.

⁶⁷ LEWIS, 2017b, p. 75.

⁶⁸ LEWIS, 2017b, p. 94.

⁶⁹ LEWIS, 2017b, p. 126.

⁷⁰ LEWIS, 2017b, p. 134.

⁷¹ LEWIS, 2017b, p. 140.

ficção, mas o Céu também tem grande influência nos escritos de Lewis.

O Céu e sua influência na ficção de Lewis

Em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, Maldonado alerta Vermelindo sobre a influência que o Céu possui na vida das personagens da obra: "o Inimigo [Deus] irá trabalhar de dentro para fora, gradualmente corrigindo a conduta do paciente cada vez mais pelo novo padrão, e pode ser que ele mude o seu comportamento em relação à senhora idosa (sua mãe) a qualquer momento".⁷² Essa fala demonstra que o demônio está ciente do fato que, da mesma forma que o Inferno influencia a vida dos humanos, o Céu também atua nesse sentido.

Outra maneira pela qual o Céu pode influenciar o "paciente" de Vermelindo é concedendo virtudes, como a humildade:

Se quisermos antecipar a estratégia do Inimigo, temos que levar em conta os seus objetivos. O Inimigo quer levar o homem a um estado de espírito em que ele poderia projetar a melhor catedral do mundo, tendo consciência de que é a melhor, e se alegrar com esse fato, sem estar mais (ou menos), ou, de outra forma, feliz de tê-la construído do que ficaria se a catedral tivesse sido criada por outra pessoa. O Inimigo quer que o homem, no final, seja tão livre de tendenciosidades em proveito próprio, que ele possa regozijar-se com os seus próprios talentos de forma tão franca e grata quanto com os talentos dos seus semelhantes – ou com o nascer do sol, ou um elefante, ou uma cachoeira. Ele quer, em longo prazo, que cada homem esteja em condições de reconhecer todas as criaturas (inclusive a si mesmo) como coisas gloriosas e excelentes.⁷³

Na terceira obra analisada nesse trabalho, *O grande divórcio*, há um exemplo de influência do Céu num assunto específico: a produção artística. Um Espírito, ou seja, a alma salva do Céu, conversa com um Fantasma, uma alma do inferno, sobre essa questão:

Você pintava a Terra, pelo menos no início, por captar vislumbres do céu na paisagem terrestres. O sucesso de sua pintura estava no fato de ela levar outras pessoas a terem os mesmos vislumbres. Mas aqui você está diante da coisa em si. É desde lugar que as mensagens são enviadas. Não adianta nos contar a respeito deste local, pois já o vemos. Na realidade, nós o enxergamos melhor do que você.⁷⁴

Por fim, em *O regresso do peregrino*, a influência ocorre por João desejar fugir do Proprietário na direção de uma Ilha que se torna objeto de desejo da personagem.⁷⁵ Tal ilha é uma representação do Céu dentro da obra, pois, no final da história, é revelado que ela se trata, na realidade, do local em que vive o próprio Proprietário, representação de Deus.⁷⁶

A partir do exposto acima, nota-se que, nas obras analisadas, o Céu tangencia o mundo material e, por vezes, invade-o, participando de sua construção, das ações das personagens e da construção do enredo das histórias. Algo parecido ocorre em *Phantastes*, obra de George MacDonald que influenciou grandemente a vida e pensamento de C. S. Lewis. Todavia, em tal obra, o que tangencia o mundo material é o Reino das Fadas:

Assim como os veios prateados trespassam a rocha, os riachos e os golfos do mar indócil até a terra firme, como as luzes e as influências dos mundos superiores atravessam a atmosfera da Terra, o Reino das Fadas invade o mundo dos homens e, algumas vezes, surpreende o olhar comum com uma associação entre causa e efeito, mesmo quando não há um vínculo a ser traçado entre os dois.⁷⁷

No já citado *Aprendizado em tempos de guerra*, Lewis trabalha de maneira teórica a noção de uma Eternidade que tangencia o mundo material. Segundo ele, "a vida humana sempre viveu à beira do precipício.

⁷² LEWIS, 2017b, p. 26.

⁷³ LEWIS, 2017b, p. 81-82.

⁷⁴ LEWIS, C. S. **O grande divórcio**. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020a, p. 96.

⁷⁵ LEWIS, 2022a, p. 38, 50.

⁷⁶ LEWIS, 2022a, p. 279.

⁷⁷ MACDONALD, George. **Phantastes**. Tradução de José Fernando Cristófaló. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 141.

A cultura humana sempre teve de existir sob a sombra de algo infinitamente mais importante que ela mesma”.⁷⁸ O autor demonstra a também já citada preocupação que possuía com questões relacionadas à Eternidade:⁷⁹

[...] como pode ser correto, ou mesmo psicologicamente possível, para criaturas que estejam a cada momento avançando, seja em direção ao Céu ou ao Inferno, gastar uma fração do pouco tempo a elas permitido viver nesse mundo em atividades triviais tais como literatura ou arte, matemática ou biologia. Se a cultura humana puder resistir a esses questionamentos, poderá resistir a qualquer coisa (p. 53).

Dessa maneira, conclui-se que, na ficção de Lewis, tanto o Inferno quanto o Céu interferem na vida das personagens porque a Eternidade está tangenciando o mundo material das diferentes obras. Por vezes, essa Eternidade invade o plano material, o que explica alguns fenômenos e confere sentido para muitas ações e enredos. Para Lewis, essa interferência só é possível porque a Eternidade é mais real que *este mundo*: o Céu é mais “sólido” que esta realidade. Este pensamento do autor está presente em suas obras e será analisado a seguir.

2.2 MAIS REAL QUE A REALIDADE: A “SOLIDEZ” DA ETERNIDADE NA LITERATURA DE LEWIS

Em *O grande divórcio*, quando a personagem de Lewis chega ao Céu, depara-se com uma visão que chama atenção do mesmo. Não apenas ele próprio, mas todos os passageiros que estavam no ônibus que viera do Inferno estavam transparentes, como Fantasma.⁸⁰ Além disso, percebe que a grama poderia ser vista através de seus pés e, quando tentou arrancar uma margarida do solo, a mesma não cede.⁸¹ A personagem percebe, então, que o problema não estava nos Fantasmas, mas sim no Céu: tudo naquele ambiente era mais sólido que eles:

Então minha mente se concentrou e meu foco foi reajustado, de modo que vi todo o fenômeno ao contrário. Os homens eram como sempre foram, talvez como todos os homens que eu já havia conhecido. A diferença estava na luz, na grama e nas árvores. Eram feitas de alguma substância desconhecida, tão mais sólida que as coisas na nossa Terra que, em comparação, os homens não passavam de fantasmas.⁸²

David Clark, estudioso de Lewis, afirma que a solidez dos objetos do Céu demonstram a realidade que ali existe: o Céu é mais sólido e real que qualquer outra coisa que a personagem de Lewis já tenha experimentado.⁸³ Aliás, na Cidade Cinzenta, no caso, o Inferno, era possível criar qualquer coisa somente com a força do pensamento, então nada é verdadeiramente “real”;⁸⁴ enquanto que, no Céu, tudo é mais sólido e concreto que as coisas deste mundo, demonstrando que é “mais real que a realidade”.

No decorrer da trama, a personagem de Lewis deduz que, se um dos Fantasmas passar tempo o suficiente no Céu, acabará por tornar-se mais sólido também.⁸⁵ Esta observação é confirmada através de diálogos entre Espíritos e Fantasmas, nas quais os primeiros tentam convencer os segundos a permanecerem no Céu para “se tornar uma Pessoa”⁸⁶ e receber “uma forma sólida”.⁸⁷ David Clark defende que Lewis dialoga com a doutrina do “novo corpo” ou “corpo espiritual”, defendida por Paulo em 1Co 15.35-50: “The body must be transformed. [...] they will not be the same bodies as they were. Mortal bodies will

⁷⁸ LEWIS, 2017a, p. 54.

⁷⁹ LEWIS, 2017a, p. 53.

⁸⁰ LEWIS, 2020a, p. 35.

⁸¹ LEWIS, 2020a, p. 36.

⁸² LEWIS, 2020a, p. 36.

⁸³ CLARK, David G. **C. S. Lewis goes to Heaven: a guide to read The Great Divorce**. Hamden/CT: Winged Lion Press, 2012. E-book Kindle.

⁸⁴ LEWIS, 2020a, p. 26.

⁸⁵ LEWIS, 2020a, p. 66.

⁸⁶ LEWIS, 2020a, p. 96.

⁸⁷ LEWIS, 2020a, p. 109.

be raised up and transformed into immortal bodies; bodies that were physical in nature will be given a spiritual nature”.⁸⁸

A ideia de tornar-se uma pessoa mais sólida já havia aparecido na teologia de Lewis em *O problema da dor*. Em tal obra, comenta que “entrar no céu é se tornar mais humano do que você jamais conseguiu ser na terra”,⁸⁹ ou seja, comente na Eternidade é possível tornar-se uma pessoa real, assim como defendido na ficção em questão. Além disso, no mesmo ano da publicação de *O grande divórcio*, 1945, Lewis apresenta o ensaio *Membership (Membresia)*, em que volta a defender a seguinte ideia: “somente no Céu nós seremos pessoas realmente divinas, verdadeiras e eternas”.⁹⁰ Assim, percebe-se que a ideia de uma solidez maior do indivíduo ao conectar-se com a Eternidade já havia aparecido em outras obras do autor.

Diante disso, são vários os autores que discutem a solidez da Eternidade e o “tornar-se uma pessoa real na obra de Lewis. Primeiramente, David Clark relembra o conceito de “verdadeira Nárnia” e comenta: “the ‘real world’ (the real Narnia) is not this physical world but the spirit world where immortal souls will someday go for good or ill; praise or judgment”.⁹¹ Já Alister McGrath afirma que, para Lewis, “the present world is a ‘copy’ or ‘shadow’ of a real world. [...] England and our world are shadows or copies of something in heaven”,⁹² e afirma que ele acredita que “this life is the preparation for that greater reality”.⁹³ Assim, tanto Clark quanto McGrath corroboram a visão que, para Lewis, a Eternidade é maior, mais real e mais sólida que o mundo visível.

Outros autores que se atentam para esse aspecto da teologia de Lewis são: 1) Jerry Walls, que afirma que, para Lewis, “a realidade é muito mais expansiva e admirável do que jamais poderíamos imaginar”,⁹⁴ pois tal realidade engloba o Céu e toda a Eternidade; 2) Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves Machado, cujo estudo de *O grande divórcio* o levou à conclusão de que “os corpos celestiais dos ‘vivos’ são mais reais que os dos ‘mortos’”;⁹⁵ e 3) E. R. S. Carvalho, que destaca a visão lewisiana que, quando o ser humano participa da união com Deus, “nos tornando ainda mais ‘pessoas’”.⁹⁶ Logo, percebe-se que, na visão de C. S. Lewis, a Eternidade é a verdadeira realidade, o verdadeiro mundo e a “verdadeira Nárnia”. Consequentemente, a única maneira do ser humano tornar-se uma “pessoa verdadeira”, tornar-se “real”, é participar dessa Eternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

C. S. Lewis, certa vez, afirmou que “a obra excelente [...] é eterna”.⁹⁷ A partir dessa colocação, é

⁸⁸ CLARK, 2012. Tradução: “o corpo deve ser transformado [pois] eles não serão os mesmos corpos que eram. Os corpos mortais serão ressuscitados e transformados em corpos imortais; corpos que eram de natureza física receberão uma natureza espiritual”.

⁸⁹ LEWIS, 2021c, p. 165.

⁹⁰ LEWIS, C. S. “Membresia”. In: LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017d, p. 170.

⁹¹ CLARK, 2012. Tradução: “o ‘mundo real’ [...] não é este mundo físico, mas o mundo espiritual, para onde um dia as almas imortais irão, para o bem ou para o mal; louvor ou julgamento”. A “Verdadeira Nárnia” diz respeito ao final de *A última batalha*, em que, após Nárnia ser destruída no fim dos tempos, algumas personagens são levadas até a Eternidade e percebem que estão diante de uma nova versão daquele mundo. A personagem Digory explica a situação da seguinte maneira: “Aquele, porém, não era a verdadeira Nárnia. Ela teve um começo e um fim. Era apenas uma sombra, uma cópia da verdadeira Nárnia que sempre existiu e sempre existirá aqui, da mesma forma que o nosso mundo é apenas uma sombra ou uma cópia de algo do verdadeiro mundo de Aslam” (LEWIS, C. S. **A última batalha**. 3.ed. Tradução de Silêda Steuernagel. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 198). Assim, a Verdadeira Nárnia refere-se ao mundo espiritual e eterno que existe em tal universo, para onde as personagens são levadas após a destruição do mundo visível que conheciam.

⁹² MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle, 675 KB. Tradução: “o presente mundo é uma ‘cópia’ ou ‘sombra’ do mundo real. [...] A Inglaterra e nosso mundo são sombras ou cópias de algo no Céu”.

⁹³ MCGRATH, 2014. Tradução: “[...] esta vida é a preparação para essa realidade maior”.

⁹⁴ WALLS, Jerry L. “The Great Divorce”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 316.

⁹⁵ MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, Transposição e Glória**: uma abordagem temática à Escatologia de Clive Staples Lewis. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019, p. 115.

⁹⁶ CARVALHO, E. R. S. Uma introdução à imaginação realizadora de C. S. Lewis. **Revista Summae Sapientiae**, v. 1, p. 72-92, 2022, p. 76.

⁹⁷ LEWIS, 2022a, p. 175.

possível inferir a importância do conceito de Eternidade no pensamento do autor. Não apenas isso, mas este trabalho vai além, ao afirmar que o conceito de Eternidade é um elemento fundamental para a construção da Cosmovisão, a visão de mundo, de Lewis. Ele deixa claro, tanto em escritos teológicos quanto em sua literatura de ficção, suas convicções teológicas sobre essa temática, e demonstra o motivo de ter sido rotulado de “sobrenaturalista radical”.

Nos escritos teológicos, algumas convicções teológicas do autor podem ser destacadas: 1) Céu e Inferno são doutrinas bíblicas que devem ser ensinadas para toda igreja; 2) o ser humano possui desejo inconsciente pela Eternidade; 3) o fato do ser humano possuir vida eterna lhe confere dignidade; 4) Céu e Inferno são reais, não apenas metáforas; 5) a Eternidade confere sentido para a história humana; e 6) para crer no Cristianismo, é necessário crer na Eternidade.

Além disso, através da sua literatura de ficção, Lewis também transmite alguns pensamentos teológicos interessantes. Em primeiro lugar, que a Eternidade existe como realidade superior ao mundo material, e essa realidade tangencia, invade e, por vezes, influencia a vida humana, como demonstrado em suas histórias. Também é interessante notar que, especialmente em *O grande divórcio*, Lewis apresenta a noção da Eternidade como “mais sólida” e, conseqüentemente, “mais real” que a realidade do mundo visível, e conclui que a “vida real” é aquela que está conectada diretamente com esta Eternidade.

Assim, é possível notar que Lewis acreditava fervorosamente em doutrinas como Céu, Inferno, vida eterna e ressurreição. Não apenas isso, o autor era atormentado por questionamentos envolvendo estas doutrinas, em especial quanto ao Inferno. Sua visão de mundo, suas interpretações da realidade a maneira como ele se movia na existência eram pautados por seu entendimento sobre a Eternidade. Por fim, tudo isso é possível somente graças ao entendimento do autor sobre a “solidez” da Eternidade: a vida e a existência não estão presos ao mundo material, visto que a Eternidade é mais real que o mundo presente.

REFERÊNCIAS

BUCKLAND, A. R. **Dicionário Bíblico Universal**. Tradução de Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Vida, 1981.

CAMPOS JUNIOR, Heber Carlos de. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019. E-book Kindle.

CARVALHO, E. R. S. Uma introdução à imaginação realizadora de C. S. Lewis. *Revista Summae Sapientiae*, v. 1, p. 72-92, 2022.

CLARK, David G. C. S. **Lewis goes to Heaven**: a guide to read The Great Divorce. Hamden/CT: Winged Lion Press, 2012. E-book Kindle.

CRESSEY, M. H. “Tempo”. In: DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 3.ed. rev. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1309-1311.

DOWNING, David. **C. S. Lewis**: o mais relutante dos convertidos. Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo, Vida Nova, 2016.

HOOPER, Walter. “Prefácio”. In: LEWIS, C. S. **Reflexões cristãs**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 9-20.

- KELLER, Timothy. **Como integrar fé e trabalho**: nossa profissão a serviço de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1979.
- KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- LEWIS, C. S. "Aprendizado em tempos de guerra". In: LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017a, p. 52-66.
- LEWIS, C. S. "Historicismo". In: LEWIS, C. S. **Reflexões cristãs**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 171-192.
- LEWIS, C. S. "Homem ou coelho?". In: LEWIS, C. S. **Deus no banco dos réus**. Tradução de Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018a, p. 136-142.
- LEWIS, C. S. "Membresia". In: LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017d, p. 155-171.
- LEWIS, C. S. "O peso da glória". In: LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017e, p. 31-51.
- LEWIS, C. S. "Religião sem dogma?". In: LEWIS, C. S. **Deus no banco dos réus**. Tradução de Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018b, p. 162-184.
- LEWIS, C. S. **A última batalha**. 3.ed. Tradução de Silêda Steuernagel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a.
- LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017b.
- LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017c.
- LEWIS, C. S. **Milagres**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b.
- LEWIS, C. S. **O grande divórcio**. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020a.
- LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c.
- LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022a.
- LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021d.
- LEWIS, C. S. **Todo meu caminho diante de mim**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020b.
- MACDONALD, George. "Unspoken Sermons, Second Series". In: MACDONALD, George. **Complete Works of George MacDonald**. Hastings, East Sussex: Delphi Publishing Ltd, 2015, n.p. (Delphi Classics). E-book Kindle.
- MACDONALD, George. **Phantastes**. Tradução de José Fernando Cristófaló. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, Transposição e Glória**: uma abordagem temá-

tica à Escatologia de Clive Staples Lewis. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019.

MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle.

PIPER, John. "C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério". In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). **O racionalista romântico**. Tradução de David Portela. Brasília: Monergismo, 2017, p. 23-46.

ROCHA, E. A. S. **The Screwtape Letters de C. S. Lewis no Brasil (1964-2014)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2018.

SAMPLES, Kenneth Richard. "Cosmovisão". In: COPAN, Paul. et al. **Dicionário de cristianismo e ciência**: obra de referência definitiva para a interseção entre fé cristã e ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. E-book Kindle.

VASCONCELLOS, Marcio Simão de. Mística e literatura fantástica: uma abordagem das obras de C. S. Lewis. **Teoliterária**: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias, v. 9, p. 189-211, 2014.

VASCONCELLOS, Marcio Simão de. Mística em C. S. Lewis: experiência e literatura. **Atualidade Teológica** (PUCRJ), v. 42, p. 615-631, 2012.

WALLS, Jerry L. "The Great Divorce". In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis**: além do universo mágico de Nárnia. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 315-331.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional